

Caem os negócios com títulos da dívida externa

Movimento do mercado caiu de US\$ 5 bi em agosto para US\$ 1,5 bi

Cristina Palmeira

Da Agência O GLOBO

● O mercado de títulos da dívida externa dos países emergentes — que esteve em xeque depois das acusações do economista Paul Krugman ao presidente indicado para o Banco Central, Armínio Fraga — não é mais nem sombra do que era antes da crise russa. Antes de agosto do ano passado, o giro diário com esses papéis chegava a US\$ 5 bilhões, sendo nada menos que US\$ 1,5 bilhão em C-Bonds do Brasil. Depois da moratória da Rússia, porém, o volume total de negócios despenhou para US\$ 1,5 bilhão, dos quais US\$ 400 milhões em C-Bonds. Os cálculos foram feitos pelo responsável pela área de mercados emergentes de um grande banco estrangeiro.

Os C-Bonds continuam a ser os papéis com maior liquidez entre os de países emergentes, mas já não valem mais tanto quanto antes. Até a moratória russa, em agosto, esses títulos eram negociados de US\$ 0,84 a US\$ 0,85 por dólar de valor de face. Hoje, a cotação está em torno de US\$ 0,60. A desvalorização beira os 30%.

— O Brasil tem sido o país emergente com maior liquidez. É o que tem a maior dívida externa — explica o analista, de seu escritório em Nova York. Segundo ele, uma das razões da atratividade dos C-Bonds é justamente a sua forte volatilidade. Os c-Bonds têm vencimento em 2014. ■